

# **I CONGRESSO CRIM/UFMG**

## **MULHER, POLÍTICA E DEMOCRACIA**

---

M956

Mulher, política e democracia [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-364-1

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Gênero, feminismos e violência.

1. Gênero. 2. Política. 3. Democracia. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

---



# I CONGRESSO CRIM/UFMG

## MULHER, POLÍTICA E DEMOCRACIA

---

### **Apresentação**

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 2 - Mulher, Política e Democracia acolheu trabalhos relacionados à participação e representação das diversas mulheres na política no contexto democrático, em um sentido amplo. Propõe-se a discussão sobre a importância de aumentar a ocupação de espaços de poder pelas mulheres, as medidas afirmativas e os desafios - entre eles, a cultura e estrutura patriarcal do sistema político-partidário e a violência política de gênero.

# UMA MULHER FORA DE LUGAR: NARRATIVAS DA MÍDIA SOBRE A PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

## "A WOMAN OUT OF PLACE": PRESIDENT DILMA ROUSSEFF IN MEDIA NARRATIVES

Fernanda Argolo Dantas <sup>1</sup>

### Resumo

Esta pesquisa investiga de que modo a categoria gênero permeia as narrativas da mídia sobre a crise do governo de Dilma Rousseff, observando, a partir de matriz teórica feminista, as marcas de gênero utilizadas na cobertura da imprensa brasileira. O corpus da pesquisa, constituído das capas e suas respectivas reportagens das quatro maiores revistas semanais de política do país, Veja, Isto É, Época e Carta Capital, no período de janeiro de 2015 a agosto de 2016 é analisado a partir do conceito de enquadramento e dos pressupostos da análise crítica da mídia, de base multidisciplinar.

**Palavras-chave:** Gênero, Mídia, Dilma rousseff, Mulheres políticas

### Abstract/Resumen/Résumé

This study investigates how the gender category has permeated the media narratives regarding the crisis of Dilma Rousseff's government, noting the gender bias used in the Brazilian press coverage, drawing on the feminist theoretical matrix. The research corpus, including covers and respective reports from the country's four largest weekly political magazines (Veja, Isto É, Época, and Carta Capital), is addressed using the concept of framing and the assumptions of critical media analysis, through a multidisciplinary approach.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Gender, Media, Dilma rousseff, Women in politics

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT-UFBA). Doutora em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (IHAC-UFBA).

## INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A investigação ora apresentada encerra um ciclo de pesquisas iniciado em 2012 (mestrado) que se dedica a analisar as relações entre mulher, mídia e política desdobrado em nível de doutorado e finalizado em 2019. Em sua totalidade a pesquisa buscou compreender as tensões que demarcam a incursão feminina pelo mundo da política: os argumentos utilizados para legitimar a maior presença das mulheres nos espaços da democracia representativa; expectativas do eleitorado; adaptação e integração ao campo político; os principais meios de inserção política e de acúmulo de capital político; e as exigências da formação de imagem pública. Por fim, ela desvela a perspectiva de gênero na análise da mídia durante a crise do impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Este texto resgata a última parte da investigação e retoma a questão de gênero na crise do governo Dilma Rousseff, observando como essa categoria de análise permeia as narrativas da mídia sobre o desempenho da presidenta no seu segundo mandato. Tem-se o debate sobre o papel do jornalismo na representação simbólica das mulheres, observando de que modo a cobertura da imprensa tem produzido enquadramentos de gênero para representar a atuação das mulheres no espaço político.

A pesquisa leva em consideração o poder de reorganização simbólica da mídia, de sua potencialidade para produzir novas representações sociais sobre as mulheres, assim como de sua capacidade para reproduzir estereótipos e simbologias que atuam pela manutenção de papéis sociais tradicionais de homens e mulheres.

A questão de fundo que guia a investigação é como se desenvolve a relação da mídia, analisada aqui a partir das revistas semanais de política, com as mulheres na política. No estudo de caso propriamente dito, observamos se os enquadramentos na cobertura da presidenta Dilma Rousseff apresentam marcas de gênero.

Buscou-se, ainda, apresentar a discussão sobre a inserção das mulheres no campo político, com foco nas questões estruturais que têm condicionado a participação e atuação das mulheres nesse campo; bem como documentar e refletir sobre a primeira experiência de gestão feminina na presidência da república brasileira.

A literatura especializada (JAMIESON, 1995; FALK, 2010; MURRAY, 2010; CAMPUS, 2013) tem evidenciado o caráter sexista dos conteúdos da mídia em relação às lideranças políticas femininas. Uma série de enquadramentos estereotipados

fundamentados em papéis de gênero foi documentada nessas investigações, como a associação de mérito aos padrinhos políticos homens, cristalizado no enquadramento “criador e criatura”, ou, ainda, às remissões à aparência e às relações familiares e de natureza privada. No caso brasileiro, em relação à presidenta Dilma Rousseff, consolidou-se, para além dos enquadramentos mais comuns, o enquadramento da inabilidade política e da ausência de liderança, da mulher “fora de lugar”.

Sugere-se, portanto, que a mídia reproduz os elementos de senso comum partilhados na cultura machista e patriarcal, sem ressignificar de modo mais ativo as simbologias sobre o papel social da mulher.

### **METODOLOGIA**

Diante da escolha de assumir a categoria gênero como baliza desta análise, buscou-se a adoção de metodologia que englobasse a perspectiva feminista, reconhecendo-se as diferentes experiências das mulheres (raça, etnia, classe, religião, região, sexualidade, geração). Assim, optou-se por um processo científico reflexivo, que considera as experiências e perspectivas do investigador, sem reivindicar o paradigma científico da neutralidade. (NARVAZ; KOLLER, 2006)

Ao eleger a representação simbólica de mulheres políticas e os eventuais efeitos materiais dessa representação, o jornalismo emerge como um dos eixos centrais para esse tipo de análise, considerando que a partir de sua propalada imparcialidade e de sua suposta função de vigilante da máquina pública, a atividade reveste-se de uma aura de irrefutabilidade e torna-se o orientador da moral social, ratificando valores e condutas.

Deste modo, cada vez mais os estudos feministas têm utilizado os produtos da imprensa para compreender avanços e retrocessos da caminhada das mulheres pelo espaço público, em especial a partir de estudos de agendamento dos temas pela mídia, *agenda setting*, e dos enquadramentos na cobertura.

Assim, o método escolhido para a análise do *corpus* de pesquisa, composto por 139 capas e 186 reportagens das quatro revistas de política de maior tiragem e circulação no Brasil (*Veja*, *Isto É*, *Época* e *Carta Capital*), foi a análise crítica da mídia (KELLNER, 2001, FERGUSON, 2007) com a leitura articulada dos conteúdos, considerando as relações sócio-históricas e seus cruzamentos com os postulados feministas. O conceito de enquadramento é utilizado como ferramenta para apresentar os resultados da análise da cobertura da mídia sobre a crise da presidenta Dilma Rousseff. As capas e suas respectivas reportagens analisadas têm a presidenta como personagem, seja em textos, imagens ou na junção de ambos. O período analisado compreendeu o início do segundo mandato de

Dilma Rousseff, iniciado em 1º de janeiro de 2015, e o encerramento do mandato pelo *impeachment*, em 31 de agosto de 2016.

Para trabalhar o objeto de pesquisa, recorreremos ao referencial teórico de matriz feminista e que congregam áreas do saber como ciência política, sociologia, liderança, filosofia e comunicação social para a avaliação qualitativa do *corpus* de pesquisa. O caráter multidisciplinar aplicado à investigação foi necessário para garantir uma leitura articulada do objeto, que observasse as eventuais intersecções entre os campos em favor da manutenção do *status quo* e como as diferentes instituições e práticas sociais são impactadas pelas relações de gênero.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total, Dilma Rousseff figurou na capa de 139 edições entre 1º de janeiro de 2015 e 31 de agosto de 2016. A revista *Isto É* foi a que mais trouxe a presidenta na capa: 56 edições. A *Carta Capital* tem o menor número, com 24 edições. O total de reportagens é superior, visto que, em muitas edições, são realizadas mais de uma reportagem referente à chamada de capa.

Quadro 1 – Número de capas e reportagens

<b>Revista</b>	<b>Capas</b>	<b>Reportagens</b>
<i>Veja</i>	32	39
<i>Isto É</i>	56	67
<i>Época</i>	26	40
<i>Carta Capital</i>	24	40

Fonte: elaborada pela autora.

Ao empreender a análise, alguns padrões foram se estabelecendo, como a evidenciada desconfiança e desqualificação da liderança feminina. As mulheres políticas claramente invisibilizadas pelo noticiário, quando aparecem, estão em pautas negativas, ou pior, recebem análises depreciativas sobre seu trabalho. Os homens, por sua vez, ao mesmo tempo em que são criticados de modo negativo, são reconhecidos como solução dos problemas, referência de liderança e detentores da experiência e do saber político.

A análise confirmou ainda as tendências apontadas pela literatura feminista (BEARD, 2018; KIDD, 2018) como a utilização de *gaslighting*, o *mansplaining* e a convocação dos elementos familiares e do estado emocional na cobertura da mulher política. O uso desses elementos marcou os episódios mais lamentáveis da cobertura da

crise de Dilma Rousseff e, de certo modo, corroborou a violência simbólica contra a presidenta nos atos de rua e nas manifestações em redes sociais.

Chama a atenção a ratificação dada pelas revistas ao papel do homem como líder. Se por um lado a principal liderança do país, uma mulher, é identificada como inapta, como uma “presidente figurativa”, de outro há o constante reforço de que a salvação do país está nas mãos dos homens. Isso é reforçado em capas e narrativas que qualificam as ações masculinas no campo político. A ausência de edições com capas dedicadas a mulheres políticas é um forte indicativo de que a atuação das mulheres no campo político ainda é desconsiderada no agendamento da mídia e não está fortemente institucionalizada. As parlamentares não são reconhecidas pelas publicações como agentes influentes no campo político e a voz delas é flagrantemente silenciada.

Figura 1 – Liderança masculina valorizada



Fonte: recorte das capas: *Veja*, ed.2407/2015; *Isto É*, ed.2382/2015; *Época*, ed.892/2015; *Carta Capital*, ed.844/2015; *Época*, ed.870/2015; *Carta Capital*, ed.883/2016; *Época*, ed.902/2015.

Outro enquadramento de destaque é o “criador e criatura”, em que o ex-presidente Lula é reconhecido como o líder, o padrinho, a figura central para o sucesso eleitoral de Dilma Rousseff. Em 15 das reportagens analisadas, o ex-presidente Lula é nomeado criador da carreira da presidenta Dilma Rousseff; em outras 30, a relação entre os dois também é convocada. Percebe-se que o mérito da vitória, bem como os acertos de gestão são amplamente vinculados a Lula ou outras figuras masculinas do núcleo duro do governo, enquanto os erros e as crises são direcionados a Rousseff.

Ainda sobre a relação da presidenta com o ex-presidente Lula e demais homens do núcleo central do Governo, destaque-se a tendência da cobertura da imprensa brasileira a reforçar a estrutura do *mansplaining*, em que o homem simboliza a sabedoria e, nesse caso, é quem precisa explicar à mulher o que e como fazer. O termo em inglês, de modo genérico, refere-se a situações em que um homem explica algo a uma mulher de forma didática. Os escritos teóricos iniciais sobre o tema apontam para uma ampliação do conceito na perspectiva feminista que abarcaria também o menosprezo ao discurso feminino e a tentativa de silenciamento das mulheres (KIDD, 2018).

A qualificação uniforme em todas as revistas pesquisadas é a de Dilma Rousseff como alguém que não sabe fazer política. Os textos sobre a incapacidade da presidenta para atuar no campo foram repetidos à exaustão. A primeira ênfase dada é à dificuldade de diálogo da presidenta com os pares. Nesse sentido, Rousseff é classificada pelos semanários como arrogante, centralizadora e que, em sendo inexperiente na política, não sabia dialogar com o Congresso. A segunda ênfase, no entanto, está mais circunscrita à sua capacidade de negociar, no sentido de barganha política.

Adicionalmente, há uma incoerência nos textos da imprensa brasileira que ora clamam por um novo sistema político, livre de corrupção, e ora reificam a capacidade de barganhar dos políticos. Vê-se que o entendimento do exercício da política está conectado a um imaginário de práticas nem sempre éticas que, a princípio, a presidenta não participa, traço que se, por um lado, a qualifica eticamente, por outro, a destitui de características do que é ser político para a imprensa brasileira.

As narrativas também confirmam o traço apontado pela teoria feminista de uma cobertura que dá ênfase às relações familiares das mulheres públicas e sua relação com a casa. Diferentes personagens femininos presentes na cobertura são referenciados em suas dimensões privadas a partir de suas relações familiares e afetivas, desde a presidenta Dilma Rousseff à ministra do Supremo Tribunal Federal Cármen Lúcia Antunes Rocha.

Na análise das revistas, observa-se ainda a presença da descrição do humor da presidenta, críticas a sua personalidade e ilações sobre sua condição psíquica. Os textos perpassam dois eixos, ambos vinculados a uma perspectiva psicológica. A primeira caracteriza a presidenta como uma mulher temperamental, mal-educada, irritadiça, grosseira, à beira da histeria. A segunda aposta na descrição de uma mulher fora da realidade, com reações distantes da normalidade, fria diante da crise. O caso mais emblemático foi a edição “As explosões nervosas da presidente”, da revista Isto É. (ISTO É, ed.2417, 06/04/2016). A metáfora da mulher sem razão fica muito evidente na análise

conjunta das publicações. As narrativas utilizam termos da área médica para analisar ou referenciar comportamentos da presidenta (autista, em negação, apoplética). O sentido que se atribui é de que há uma ausência de racionalidade em Dilma Rousseff e, conseqüentemente, em seu governo.

### **CONCLUSÃO**

Gênero, enquanto processo e categoria de classificação social, estrutura o modo como o sujeito é percebido socialmente e seu papel nas relações de poder. Nesse sentido, de modo praticamente universal, a mulher, ou o feminino, não é identificada com o signo do poder. A participação das mulheres nos espaços decisórios da vida pública denota o desarranjo da ordem, a marca de que algo ou alguém está fora do seu lugar. (BECKWITH, 2005; BOURDIEU, 2011)

Para além das críticas que possam ser feitas à presidenta ou sobre as decisões do governo, o componente de gênero pesou sobremaneira nas críticas e no modo como os erros foram representados e estandardizados pela sociedade brasileira. A experiência da primeira mulher presidente do país revelou a face machista de nossa cultura e as condições de desconhecimento ou não reconhecimento da mulher no seio social. O nível de desrespeito ficou patente em manifestações como o bordão “tchau, querida”, nas charges e imagens que incitam a violência contra a presidenta e nos diversos textos em que a desqualificação de Rousseff reflete uma desvalorização social das mulheres.

Ao confrontar expectativas da cultura machista e patriarcal, a presidenta torna-se um elemento de ruptura da ordem. Na vida pública, ela desorganiza a ordem da cultura política brasileira ao rejeitar uma adaptação irrestrita ao jogo político tal qual está organizado em Brasília. Na vida privada, rompe com a imagem da família tradicional – é a mulher divorciada do segundo casamento, sem novo companheiro. Dilma Rousseff subverte os imaginários clássicos da mulher frágil, desprotegida. Esse conjunto, como pudemos observar na análise do material investigado, foi representado mais como subversão do que como mérito ou inovação. Desse modo, os apelos à normalidade se sobrepuseram à novidade de se ter uma mulher na Presidência.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. Trad. Celina Portocarrero, São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BECKWITH, Karen. A Common Language of Gender? *Politics & Gender* 1 (1). Cambridge University Press, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

CAMPUS, Donatela. *Women Political Leaders and the Media*. Palgrave Mcmillan, UK, 2013.

FERGUSON, Robert. *Los medios bajo sospecha: Ideología y Poder em los medios de comunicación*. Barcelona: Gedisa, 2007.

JAMIESON, Kathleen Hall. *Beyond the double binds: women and leadership*. Oxford University Press, 1995.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KIDD, Anna-Grace. Mansplaining: the systematic sociocultural silencer. *Presentation. University of North Georgia*. Disponível em: <<https://digitalcommons.northgeorgia.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com.br/&httpsredir=1&article=1681&context=ngresearchconf>>. Acesso em: jun. 2018.

MURRAY, Rainbow. *Cracking the Highest Glass Ceiling: a Global Comparison of Women's Campaigns for Executive Office* (Praeger), ed, 2010.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Sylvia. Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.